

Divisão e fragmentação do trabalho docente na Educação a Distância: uma análise crítica à luz da polidocência¹

Braian Veloso

Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE)
Grupo Horizonte (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Inovação em Educação,
Tecnologias e Linguagens)
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)
e-mail: braiangarritoveloso@gmail.com

Daniel Mill

Departamento de Educação e Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGE)
e em Ciência, Tecnologia e Sociedade (PPGCTS)
Grupo Horizonte (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Inovação em Educação,
Tecnologias e Linguagens)
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)
e-mail: mill@ead.ufscar.br

Resumo

Esta pesquisa discute a divisão e fragmentação do trabalho na Educação a Distância (EaD) à luz do conceito sobre polidocência. Nomeadamente, a análise enfoca os cursos a distância desenvolvidos no âmbito do Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB). Salienta-se que a investigação é um recorte da dissertação de mestrado de um dos autores. Assim, o objetivo principal é analisar o processo de divisão e fragmentação do trabalho docente na EaD desenvolvida no âmbito do Sistema UAB. Para tanto, utiliza-se o conceito de polidocência elaborado por Mill (2014). Quanto aos procedimentos metodológicos, foram aplicados questionários virtuais a 677 profissionais que atuam ou já atuaram no âmbito do Sistema UAB. Foram abordados, especificamente, os docentes-autores/conteudistas, docentes-formadores/aplicadores e docentes-tutores, virtuais e presenciais. Após a aplicação dos questionários, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 8 destes mesmos trabalhadores. Por meio da pesquisa, conclui-se que a divisão e fragmentação resultam em perversidades aos profissionais, a saber: a fragilidade do vínculo empregatício; a baixa remuneração, desvelada pela concessão de bolsas para as atividades de docência; a necessária sujeição às condições de trabalho,

¹ Trabalho resultante de pesquisa realizada com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

considerando-se que as funções dos docentes não têm sentido quando isoladas do contexto da polidocência; o intenso processo de desprofissionalização dos trabalhadores; dentre outros aspectos.

Palavras-chave: Educação a Distância, divisão do trabalho, trabalho docente, polidocência, Sistema Universidade Aberta do Brasil.

Abstract

This research discusses the division and fragmentation of work in Distance Education in the light of the concept of politeaching. In particular, the analysis focuses on the distance courses developed within the scope of the Universidade Aberta do Brasil (UAB) System. It is emphasized that the research is a part of the master degree dissertation of one of the authors. Thus, the main objective is to analyze the process of division and fragmentation of teaching work in Distance Education developed within the framework of the UAB System. For that, the concept of politeaching elaborated by Mill (2014) is used. As for the methodological procedures, virtual questionnaires were applied to 677 professionals who work or have already worked under the UAB System. Specifically, teachers-authors, teacher-applicators and virtual and face-to-face tutors were approached. After the questionnaires were applied, semi-structured interviews were conducted with 8 of these same workers. The research concludes that the division and fragmentation result in perversities to the professionals, namely: the fragility of the employment bond; low pay, by the granting of scholarships for teaching activities; the necessary subjection to working conditions, considering that the functions of teachers are meaningless when isolated from the context of politeaching; the intense process of desprofessionalization of workers; among other aspects.

Keywords: Distance Education, division of work, teaching work, politeaching. Universidade Aberta do Brasil System.

Introdução

No Brasil, a Educação a Distância (EaD) tem sido fomentada, em instituições públicas, pelo Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB). Trata-se de uma política pública de caráter emergencial, envolvida em problemáticas que, por vezes, incorrem em perversidades ao trabalho docente. Dentre estas, destaca-se o intenso processo de divisão e fragmentação das atividades. Com múltiplos trabalhadores

atuando em conjunto, o processo de ensino-aprendizagem se divide entre variadas etapas e fragmentos.

Nessa perspectiva, esta pesquisa discute a divisão do trabalho em cursos a distância oferecidos no âmbito do Sistema UAB. Utilizando-nos de dados coletados por meio de questionários virtuais e entrevistas com profissionais que atuam ou já atuaram em cursos a distância oferecidos por instituições públicas, o estudo aborda o processo de divisão e fragmentação do trabalho docente e suas implicações aos trabalhadores. Salienta-se que os resultados aqui apresentados se configuram como recorte de uma pesquisa empreendida a fim de compreender a organização do trabalho docente na EaD.

No que respeita à estrutura do texto, primeiramente são retomados, à luz da polidocência, alguns conceitos, com vistas a compreender como ocorre o processo de ensino-aprendizagem na EaD e quais são os profissionais docentes que dele fazem parte. Após o estabelecimento de um arcabouço teórico, partimos a uma apreciação crítica sobre a divisão e fragmentação da docência como um dos vieses perversos do modo de produção capitalista.

Metodologia

É preciso destacar, *a priori*, que esta pesquisa é um recorte da dissertação de mestrado intitulada de *Organização do Trabalho Docente na Educação a Distância: implicações da polidocência* desenvolvida por um dos autores. Trata-se de um estudo realizado no âmbito do Grupo Horizonte (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Inovação em Educação, Tecnologias e Linguagens) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Portanto, concerne aos esforços deste mesmo Grupo no que se refere à compreensão da EaD e os meandros que perpassam as propostas de ensino-aprendizagem nessa modalidade.

A respeito da metodologia, as análises empreendidas neste texto são preponderantemente qualitativas. Para Duarte (2009), o método qualitativo compreende que os pressupostos teóricos vão sendo descobertos e formulados à

medida que se dá a incursão no campo e ao passo que são analisados os dados. Ou seja, as hipóteses vão sendo formuladas e elaboradas ao longo do processo de investigação. O principal instrumento de pesquisa é, pois, o próprio investigador (DUARTE, 2009). A abordagem qualitativa também se preocupa em analisar o fenômeno em sua totalidade, considerando a complexa rede de interações existente (BIKLEN; BOGDAN, 1994).

Mas este estudo também apresenta alguns dados estatísticos. Aliás, as proposições levam em conta a abordagem quantitativa que esteve presente na coleta e análise dos dados. Nesse sentido, a discussão empreendida se baseia na triangulação metodológica, posto que considera os métodos qualitativo e quantitativo. Para Duarte (2009), ambos os métodos podem ser articulados em uma mesma pesquisa, simultaneamente ou consecutivamente, de modo que a combinação pode acontecer desde o plano de estudo/investigação até a análise de dados e a articulação dos resultados. Portanto, ainda que sejam apresentadas de forma preponderantemente qualitativa, as discussões deste estudo estão alicerçadas em dados também quantitativos.

Com relação aos procedimentos metodológicos, foram aplicados questionários virtuais, por meio do *software* Lime Survey, a exatamente 677 docentes que atuam ou já atuaram no âmbito do Sistema UAB. Mais especificamente, os dados foram coletados com docentes-autores/conteudistas, docentes-formadores/aplicadores e docentes-tutores, virtuais e presenciais. Os questionários indagaram os trabalhadores colimando atender diferentes eixos temáticos, quais sejam: divisão do trabalho, relações de trabalho e constituição dos saberes e conhecimentos docentes. No entanto, os resultados aqui apresentados dizem respeito ao recorte sobre a análise da divisão e fragmentação do trabalho na EaD.

Posteriormente à aplicação dos questionários virtuais, foram selecionados 8 profissionais para entrevistas semiestruturadas. Novamente, destaca-se que foram abordadas as temáticas supramencionadas, de sorte que, neste estudo, encontram-

se os resultados quanto à divisão e fragmentação das atividades docentes. Os profissionais foram selecionados para as entrevistas com base em sua experiência na EaD, considerando-se os dados coletados previamente nos questionários virtuais.

Sobre o conceito de polidocência

A docência na Educação a Distância é demasiadamente complexa, haja vista as especificidades inerentes à modalidade, como a separação física entre professores e alunos. Diante disso, na EaD, ao contrário da educação presencial, não apenas um, mas vários profissionais docentes devem atuar em consonância para garantir o processo de ensino-aprendizagem. Essa organização do trabalho docente, compreendendo distintos profissionais, parece-nos, pois, nítida na proposta de EaD definida pelo Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB). Embora existam nuances de acordo com as especificidades de cada instituição, a organização do trabalho docente na EaD, em experiências brasileiras, não foge à regra da divisão e fragmentação das atividades. Nas palavras de Mill (2014, p. 24):

[...] Apesar de haver variações nos tipos de equipes entre uma experiência de EaD e outra (e.g., equipes baseadas numa concepção aditiva, na qual cada integrante executa uma parcela específica do trabalho, ou integrada, na qual as atividades são desempenhadas por todos), sabe-se que o trabalho docente a distância se organiza de forma coletiva e cooperativa.

Ainda sob a compreensão do autor, esse conjunto articulado de trabalhadores, necessário para a realização das atividades de ensino-aprendizagem na EaD, denomina-se *polidocência* (MILL, 2014). Todavia, este termo não é a própria docência, mas sim uma forma de analisá-la em suas particularidades (MILL, 2014). Noutras palavras, a polidocência se constitui como uma perspectiva de análise em face das complexidades inerentes ao trabalho docente na EaD.

Mas existem outras abordagens com vistas à compreensão desse mesmo trabalho docente. Na perspectiva de Belloni (2003), como resultado da divisão do trabalho na EaD, as funções docentes se separam e fazem parte de um processo de planejamento e execução dividido no tempo e no espaço. Sob esse prisma, a autora

descreve alguns profissionais que, de acordo com sua análise, constituem o que ela mesma denomina de *professor coletivo* (BELLONI, 2003). Porém, a abordagem de Mill (2014) nos parece mais adequada na medida em que a polidocência se encontra alinhada às experiências contemporâneas com EaD no Brasil, sobretudo aquelas desenvolvidas no âmbito do Sistema UAB.

Dessa maneira, antes de partirmos para uma análise mais aprofundada sobre o conceito de polidocência, acreditamos ser importante realizar algumas precisões teóricas. Para Mill (2014), também na educação presencial temos outros profissionais participantes do processo de ensino-aprendizagem, a saber: técnicos, laboratoristas, gestores etc.

[...] A precisão que queremos fazer diz respeito à obrigatoriedade de haver ou não esses profissionais “não-docentes” da educação presencial, ou ainda, à possibilidade de utilizar ou não seus serviços. Geralmente, na EaD não existe a opção de um único profissional realizar toda a “aula” porque, via de regra, a quantidade de alunos ou a complexidade do processo de trabalho na EaD impossibilita a “unidocência” (MILL, 2014, p. 27).

Para o autor, a grande diferença entre a docência na EaD refere-se à necessária existência de outros profissionais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Dentre esses profissionais, incluem-se aqueles “não-docentes”. Contudo, interessam-nos, neste estudo, somente os membros que compõem o coletivo de trabalhadores na EaD e que são considerados, de fato, docentes. A respeito disso, Mill (2014) compreende que apenas alguns desses trabalhadores são educadores: “Geralmente, o docente-autor, o docente-formador e os docentes-tutores são tipicamente educadores. Os outros são profissionais que participam da polidocência e influenciam a qualidade do ensino-aprendizagem, mas não são docentes” (MILL, 2014, p. 37).

Uma outra precisão necessária à nossa abordagem refere-se à diferenciação entre os termos *professor* e *docente*. Para Mill et al (2008), há diferença entre professor e docente. Considerando-se o fato de que na EaD não há aula propriamente dita, seria um equívoco chamar os trabalhadores dessa modalidade de professores, sendo mais adequada a utilização do termo *docente*

(MILL et al, 2008, p. 115). Também Mill, Santiago e Neves (2008), por meio de uma oficina realizada com profissionais e pesquisadores da área, identificaram, a partir das intervenções dos participantes, que na EaD não existe aula e, por isso, “não existe” professor. Ou seja, parece-nos mais adequado referirmo-nos aos trabalhadores da EaD — aqueles considerados educadores — apenas como docentes. Exatamente por isso adotamos este termo no decorrer de todo o trabalho.

Posteriormente às definições necessárias à nossa perspectiva de análise, cabe abordar quem são os profissionais que compõem a polidocência, bem como algumas das atividades e funções que competem a cada um desses agentes de acordo com a literatura da área. Salientamos que as definições apresentadas se restringem aos profissionais considerados, de fato, docentes. Assim, baseando-se nos estudos de Mill (2014), a polidocência é composta por:

- a) **docente-autor ou docente-conteudista:** é o responsável por elaborar e adequar metodologicamente os conceitos e atividades de ensino-aprendizagem. Trata-se de um profissional especialista no conteúdo da disciplina e sua função básica é elaborar materiais didáticos em diferentes mídias. Em experiências mais antigas de EaD no Brasil, esse educador elaborava os materiais didáticos do curso e não mais participava das demais atividades de formação. Todavia, em experiências mais atuais existe o cuidado de que esse docente seja também o responsável pelo acompanhamento dos alunos durante toda a aplicação dos conteúdos;
- b) **docente-formador ou docente-aplicador:** seu papel consiste em acompanhar os alunos durante a aplicação da disciplina, gerenciar os docentes-tutores, elaborar orientações diversas para alunos e tutores, realizar webconferências² etc. Vale ressaltar que nem sempre o docente-

² Anteriormente, afirmamos que na EaD não existe aula propriamente dita, porém, o docente-formador pode optar por realizar webconferências em formato que se assemelha às aulas presenciais, por meio de tecnologias digitais. A precisão que se faz necessária refere-se ao fato de que na EaD, comumente, os materiais didáticos proporcionam certa autonomia na aprendizagem por

formador está presente na equipe da polidocência, embora na UAB seu papel seja, via de regra, imprescindível. Nos casos nos quais não existe a figura de um docente-formador, os docentes-tutores são responsabilizados inteiramente pela aplicação do conteúdo. Entretanto, salienta-se a importância dos docentes-formadores no que diz respeito à possibilidade qualitativa de se ter um especialista na equipe polidocente, sobretudo se for ele o responsável pela elaboração dos materiais didáticos — atuando também como docente-conteudista. A manutenção desses educadores possibilita uma maior visibilidade do processo educacional, mas aumenta os custos para a instituição mantenedora do curso e reduz as possibilidades de autonomia do grupo de tutores;

- c) **docentes-tutores virtuais:** suas atividades são mais direcionadas ao conteúdo, de forma que, geralmente, são especialistas na área da disciplina ou do curso em que trabalham. Os tutores virtuais acompanham os alunos durante o processo de ensino-aprendizagem, buscando melhores formas de orientar os discentes em suas dificuldades. Eles atuam a distância, no Ambiente Virtual de Aprendizagem. Por praxe, como na UAB, as instituições lançam mão dos docentes-tutores virtuais para auxiliar o docente-formador durante a aplicação da disciplina. A quantidade de alunos para cada docente-tutor virtual varia de acordo com a experiência, mas é preciso se atentar ao fato de que as atividades desse profissional são demasiadamente complexas para que ele atenda a um grupo com mais de 25 alunos concomitantemente;
- d) **docentes-tutores presenciais:** suas funções geralmente são mais direcionadas ao esclarecimento de dúvidas pontuais, por isso possuem

parte do aluno, contestando a necessidade de aulas expositivas em um formato tradicional. Além disso, geralmente, as webconferências são esporádicas, não sendo raras as experiências nas quais elas são inexistentes.

conhecimento mais generalista ou são formados na área do curso em que atuam. Os tutores presenciais atendem a dificuldades técnicas do ambiente virtual, auxiliam os docentes-formadores em atividades e encontros presenciais, aplicam as avaliações presenciais etc. São, essencialmente, profissionais que atuam nos polos de apoio presencial. Cabe salientar que nem sempre as experiências de EaD contam com a participação desses tutores, embora sua presença no processo de ensino-aprendizagem seja importante.

Ressaltamos que pode haver distinções entre os profissionais, suas denominações e, conseqüentemente, suas funções de acordo com cada experiência de EaD. No entanto, parece-nos insofismável a necessária divisão do trabalho docente, pois “seria difícil um único profissional dar conta de todas as atividades envolvidas” (MILL, 2014, p. 41). Nesse sentido, o modelo de polidocência descrito neste estudo se apresenta em consonância com a experiência de EaD em desenvolvimento no âmbito do Sistema UAB. Mais do que viabilizar o atendimento a uma grande quantidade de alunos e se adequar às complexidades intrínsecas à modalidade, a divisão e a fragmentação das atividades têm conseqüências negativas aos docentes. Envolvida em um intenso processo de precarização, a docência na EaD se encontra enredada em questões perversas atinentes à desprofissionalização do trabalho. A partir do entendimento sobre o conceito de polidocência e da divisão e fragmentação como condições indispensáveis ao trabalho exercido no âmbito do Sistema UAB, propomos, a seguir, uma crítica sobre suas implicações à docência na EaD.

Sobre a divisão e fragmentação e suas implicações aos trabalhadores

Independentemente das nuances presentes nas atividades dos docentes e, por conseqüência, da dificuldade em generalizá-las, consideramos que a divisão e a fragmentação do trabalho são indissociáveis à docência na EaD, mas não somente

a ela. Trata-se, na verdade, de um processo histórico que permeia a educação em seus diferentes níveis e modalidades. Na perspectiva de Santos e Oliveira (2009), ao longo do tempo foram ocorrendo diferentes formas de divisão do trabalho na escola, podendo ser evidenciadas pela introdução do supervisor pedagógico e pela introdução, nas séries iniciais do ensino fundamental, de professores especializados por matéria. Ainda para os autores, mais tarde, em alguns países do chamado primeiro mundo, foram introduzidos, nas escolas, profissionais não-docentes como psicólogos, psicopedagogos, fonoaudiólogos, conselheiros de orientação etc. (SANTOS; OLIVEIRA, 2009).

A divisão do trabalho na educação precede, portanto, aquilo que se identifica em experiências contemporâneas de EaD. É um fenômeno relacionado, de modo geral, às mudanças nas relações de trabalho. Para LeVasseur e Tardif (2004), é no contexto de crise orçamentária dos Estados e de neoliberalismo que surgem os novos modos de gestão dos sistemas escolares, podendo levar a uma desprofissionalização ou proletarização de determinados serviços oferecidos aos alunos e à emergência de um modelo comercial na educação que incide sobre a divisão do trabalho nas escolas, assim como o crescimento do trabalho técnico nessas instituições. Decerto, nossa investigação indica que o trabalho na EaD incorre, por vezes, na introdução de profissionais técnicos e em perversidades como a desprofissionalização e a proletarização. As pesquisas de Mill (2012, p. 45) também reiteram que a docência na EaD ainda não está profissionalizada, “é uma força de trabalho geralmente depreciada ou contratada com pouca seriedade — um tratamento ainda inferior ao dado à docência presencial, que já não tem sido recebida de modo adequado”.

À guisa de exemplo, a divisão do trabalho, quando do acompanhamento e da mediação dos discentes, delega a profissionais, como os docentes-tutores, parte fulcral do processo de ensino-aprendizagem. Mais do que possibilitar o atendimento de um grande número de alunos, essa divisão viabiliza a contratação de profissionais com menor titulação enquadrados como bolsistas que,

consequentemente, recebem menor valor para o exercício de suas funções. Isto é, contratam-se profissionais que, em tese, possuem competências para realizar as atividades, mas que receberão menos por elas. Isso acaba por prejudicar ambos os docentes. Por um lado, docentes-autores/conteudistas e docentes-formadores/aplicadores — quando estes elaboram os conteúdos da disciplina e não participam de sua aplicação — são desvalorizados, porquanto seus saberes são expropriados em forma de materiais didáticos que serão aplicados por outros profissionais. Por outro, docentes-tutores, mesmo que realizem parte importante do processo de ensino-aprendizagem, recebem, dada sua menor titulação e a inexistência de vínculo empregatício para com a universidade, remuneração que não imprime um status de profissão às suas atividades.

Na divisão do trabalho na EaD vislumbra-se, pois, uma tendência à desprofissionalização, que se assenta naquilo a que se pode chamar de mecanismos de desqualificação dos profissionais, de perda ou transferência de conhecimentos e saberes (RODRIGUES, 2002 apud OLIVEIRA, 2004). Como consequência, tem-se trabalhadores desvalorizados e mal remunerados. Nesses casos, como o valor hora-aula costuma ser baixo — no caso do Sistema UAB, essa regra se aplica às bolsas oferecidas — o docente vincula-se a diferentes instituições de ensino, simultaneamente (SANTOS, 2012). Em nossa pesquisa constatamos que esses profissionais, sobretudo os docentes-tutores, também recorrem a outras atividades que não a docência para complementar a renda mensal.

Outras perversidades também podem ser identificadas na divisão e fragmentação do trabalho docente na EaD. Ao passo que profissionais não-docentes — tais como *designers instrucionais*, equipe multidisciplinar, equipe coordenadora etc. — passam a fazer parte do processo de confecção das disciplinas e de seus conteúdos, retira-se dos docentes parte de sua autonomia no trabalho. Marx (2013), ao se referir à divisão do trabalho no modo de produção capitalista, assevera que a força individual do trabalhador falha no cumprimento de seu serviço caso não seja vendida ao capital, porque ela só funciona no contexto que existe apenas depois de

sua venda, na oficina do capitalista. Nessa ótica, em razão das complexidades da EaD, torna-se necessária a existência de variados profissionais que não possuem validade quando isolados. Docentes-autores/conteudistas não dão conta de todas as etapas do processo de produção do material didático sem o acompanhamento de uma equipe multidisciplinar; docentes-tutores não podem mediar o processo de ensino-aprendizagem se os materiais não forem previamente elaborados por outros profissionais; docentes-formadores/aplicadores não conseguem atender à grande quantidade de alunos por disciplina sem o auxílio dos docentes-tutores; e assim por diante.

Obviamente, consideramos que existem experiências destoantes daquelas situadas no âmbito do Sistema UAB — especialmente em outros países — que modificam substancialmente a compreensão da divisão e fragmentação do trabalho a que nos referimos. Também compreendemos que seria inviável — na maneira como a modalidade tem se estruturado — que apenas um profissional docente ficasse responsável por todas as demandas da EaD. No entanto, salientamos que o fenômeno da divisão e fragmentação do trabalho não é recente, de forma que, ao longo da história, identificam-se perversidades que o subjazem. Assim, parece-nos que a EaD desenvolvida no âmbito do Sistema UAB não foge à regra da divisão e fragmentação como vieses perversos do modo de produção capitalista.

Sob esse prisma, naquilo que respeita ao Sistema UAB, talvez a baixa remuneração seja o que mais incomoda os trabalhadores da EaD. Entendemos que a desvalorização dos profissionais tem que ver com elementos para além da divisão e fragmentação das atividades. Mas é também por meio desse fenômeno que se engendram novas formas de exploração dos docentes. E a baixa remuneração parece ser a maior causa de descontentamento com o trabalho na EaD, conforme a Tabela 1.

Tabela 1 — Satisfação dos docentes em relação ao trabalho na EaD.

Aspectos relacionados ao trabalho na EaD	Plenamente insatisfeito	Insatisfeito	Sem opinião formada	Satisfeito	Plenamente satisfeito
<i>Salário / Valor da bolsa</i>	105 (15,51%)	316 (46,67%)	36 (5,32%)	198 (29,25%)	22 (3,25%)
<i>Carga horária</i>	9 (1,33%)	94 (13,88%)	17 (2,51%)	495 (73,12%)	62 (9,16%)
<i>Atribuições e deveres do seu trabalho na EaD</i>	8 (1,18%)	43 (6,35%)	21 (3,10%)	504 (74,45%)	101 (14,92%)
<i>Condições de trabalho</i>	22 (3,25%)	147 (21,71%)	22 (3,25%)	382 (56,43%)	104 (15,36%)
<i>Infraestrutura da instituição</i>	25 (3,69%)	125 (18,46%)	32 (4,73%)	378 (55,84%)	117 (17,28%)
<i>Proposta pedagógica do curso em que atua</i>	5 (0,74%)	39 (5,76%)	43 (6,35%)	440 (64,99%)	150 (22,16%)
<i>Política da instituição para com a EaD</i>	21 (3,10%)	136 (20,09%)	74 (10,93%)	345 (50,96%)	101 (14,92%)
<i>Relacionamento com outros profissionais do curso</i>	3 (0,44%)	37 (5,46%)	36 (5,32%)	416 (61,45%)	185 (27,33%)
<i>Relacionamento com a instituição</i>	8 (1,18%)	48 (7,09%)	33 (4,88%)	413 (61,00%)	175 (25,85%)
<i>Relacionamento com os alunos</i>	1 (0,15%)	21 (3,10%)	14 (2,07%)	385 (56,87%)	256 (37,81%)

De acordo com os dados dos questionários virtuais, aproximadamente 62% dos docentes se mostraram insatisfeitos com relação ao salário ou o valor da bolsa, isto é, sentem-se descontentes no que compete aos proventos auferidos a partir do trabalho na EaD. Em todos os outros aspectos listados, a maior parte dos respondentes afirmou se sentir satisfeito com relação ao trabalho na modalidade. Quer dizer que, em nossa pesquisa, verificamos que a remuneração é aquilo que mais incomoda os docentes que atuam na EaD. Certamente, os valores concedidos a muitos dos profissionais que atuam no âmbito do Sistema UAB justificam essa insatisfação.

Para LeVasseur e Tardif (2004), a desprofissionalização tem o significado de uma tarefa igual à de um profissional executada por um pessoal com formação mais

ou menos equivalente, mas com um estatuto mais fraco e uma remuneração mais baixa. A desprofissionalização desvela-se, portanto, como uma forma de precarização do trabalho. Nesse sentido, parece-nos que a divisão e a fragmentação incidem sobre a desvalorização dos trabalhadores. Afinal, custa menos recorrer ao serviço de vários técnicos que vão cobrir uma tarefa completa do que ao de um educador que terá estabilidade³ (LEVASSEUR; TARDIF, 2004). Dito noutras palavras e fazendo alusão à realidade da EaD, custa menos recorrer ao serviço de vários bolsistas, por exemplo, do que ao de um docente com vínculo empregatício, estabilidade e seguranças legais que possam imprimir um status de profissão ao seu trabalho.

Considerações finais

Neste artigo, empreendemos uma análise sobre as implicações do processo de divisão e fragmentação das atividades aos trabalhadores. Compreendemos que se trata de um processo complexo, que precede a docência na EaD contemporânea. Na verdade, a divisão e fragmentação do trabalho se relacionam a tendências oriundas do modo de produção capitalista que almejam aumentar a exploração dos trabalhadores por meio da racionalização do trabalho. Isso acaba por promover perversidades aos docentes que atuam a distância. Como exemplo, identificamos que a maior parte dos participantes dos questionários virtuais sente-se insatisfeita com relação aos proventos auferidos mediante o trabalho na EaD.

Nessa ambiência, mais do que viabilizar o atendimento a uma grande quantidade de alunos, a divisão e fragmentação propiciam a contratação de profissionais em regime precário. Assim, a desprofissionalização dos docentes representa a inexistência de vínculos empregatícios para com a universidade. Além

³ Os autores abordam o contexto educacional do Quebec, no Canadá, referindo-se à contratação de vários técnicos, atuando em regime instável, em vez de um psicoeducador, que terá estabilidade. As considerações trazidas por eles fazem analogia à desprofissionalização como uma forma de economizar gastos, tornando o trabalho mais precário mediante a substituição de profissionais por técnicos. Ainda que se apliquem a outro contexto, acreditamos que as falas dos autores são análogas à realidade do trabalho docente na EaD brasileira.

disso, profissionais, atuando como bolsistas no âmbito do Sistema UAB, recebem, por vezes, remuneração abaixo do salário mínimo vigente. No caso dos docentes-autores/conteudistas, a fragmentação do trabalho representa, ainda, a expropriação dos saberes. E de forma geral, essa divisão das atividades garante a manutenção da exploração na medida em que as funções docentes não têm funcionamento quando isoladas, mas apenas no contexto da polidocência, quando submetidas às condições impostas pela EaD.

Diante desse cenário, acreditamos que as pesquisas direcionadas ao trabalho docente desenvolvido no âmbito do Sistema UAB são urgentes e necessárias. Além de evidenciar as precariedades que perpassam o processo de ensino-aprendizagem, é preciso direcionar os esforços à luta por melhores condições aos trabalhadores. Se, na EaD, a divisão é condição *sine qua non* para a exequibilidade dos cursos, é preciso que isso represente um trabalho coletivo e colaborativo, e não uma via para exploração da docência. Aliás, presumimos que o oferecimento de melhores condições trabalhistas pode contribuir, dentre outros aspectos, para a institucionalização da modalidade. Em face dos atuais cortes de verbas e da crise político-econômica do Brasil, torna-se necessário que a EaD seja incorporada à rotina institucional das universidades. Acreditamos que somente por meio da institucionalização será possível garantir a continuidade dos cursos a distância em instituições públicas, ainda que o Sistema UAB deixe de existir.

Referências

BIKLEN, S. K.; BOGDAN, R. C. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto, 1994.

DUARTE, Teresa. A possibilidade de investigação a três: reflexões sobre a triangulação (metodológica). **CIES e-WorkingPaper**, Lisboa, n. 60, p. 1–24, 2009.

LEVASSEUR, Louis; TARDIF, Maurice. Divisão do trabalho e trabalho técnico nas escolas das sociedades ocidentais. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1275–1297, set./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v25n89/22621.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2017.

MARX, Karl. **O capital**: Volume 1. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2015.

MILL, Daniel. **Docência virtual**: uma visão crítica. Campinas: Papirus, 2012

MILL, Daniel. Sobre o conceito de polidocência ou sobre a natureza do processo de trabalho pedagógico na educação a distância. In: MILL, Daniel; RIBEIRO, Luis R. C.; OLIVEIRA, Marcia R. G. (Org.). **Polidocência na Educação a Distância**: múltiplos enfoques. São Carlos: EdUFSCar, 2014. p. 25–42.

MILL, Daniel; ABREU-E-LIMA, Denise; LIMA, Valéria S; TANCREDI, Regina M. S. P. O desafio de uma interação de qualidade na educação a distância: o tutor e sua importância nesse processo. **Cadernos de Pedagogia**, São Carlos, v. 2, n. 4, p. 112–127, ago./nov. 2008. Disponível em: <<http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/viewFile/106/63>>. Acesso em: 07 mar. 2017.

MILL, Daniel; SANTIAGO, Carla F.; NEVES, Inajara de S. V. Trabalho docente na Educação a distância: condições de trabalho e implicações trabalhistas. **Revista extraclasse**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 56–73, fev. 2008.

OLIVEIRA, Dalila A. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1127–1144, set./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v25n89/22614.pdf>>. Acesso em: 06 set. 2017.

SANTOS, Lucíola L. de C. P.; OLIVEIRA, Dalila A. A intensificação do trabalho docente e a emergência de nova divisão técnica do trabalho na escola. **InterMeio**, Campo Grande, v. 15, n. 29, p. 32–45, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.intermeio.ufms.br/revistas/29/32-45%20-%20v15%20n29.pdf>>. Acesso em: 08 set. 2017.

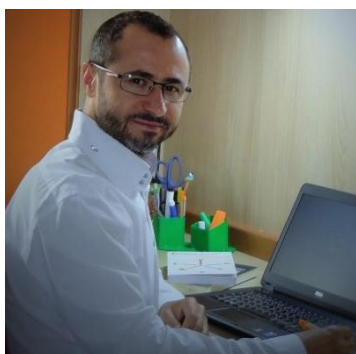
SANTOS, Sheila D. M. dos. A precarização do trabalho docente no Ensino Superior: dos impasses às possibilidades de mudanças. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 46, p. 229–244, out./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n46/n46a16.pdf>>. Acesso em: 07 set. 2017.

Sobre os Autores



Braian Garrito Veloso

Especialista em Educação a Distância (EaD) pela UFF (2016). Mestre (2018) e Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UFSCar. É Membro do Grupo Horizonte (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Inovação em Educação, Tecnologias e Linguagens). Atualmente, tem pesquisado sobre a Educação a Distância, com ênfase no trabalho docente exercido nessa modalidade.



Daniel Mill

Professor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), onde trabalha como Docente e Gestor de Educação a Distância (EaD). Doutor em Educação pela UFMG (2006), com pós-doutorado pela Universidade Aberta de Portugal (2012). É membro do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade. É Líder do Grupo Horizonte (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Inovação em Educação, Tecnologias e Linguagens) e, como pesquisador, tem interesse particular pela interseção das temáticas: Trabalho Docente, Tecnologias, Linguagens, Cognição e Educação a Distância.

Revista EducaOnline Volume 12, Nº 2, Maio/Agosto de 2018. ISSN: 1983-2664. Este artigo foi submetido para avaliação em 15/04/2018. Aprovado para publicação em 17/04/2018.